

Como desenvolver atividades de Educação Ambiental para pessoas com deficiência?

A Educação Ambiental deve considerar qualquer indivíduo da sociedade, independente de sua nacionalidade, religiosidade, etnia e limitação física ou intelectual. Com as novas políticas de Educação Inclusiva, que envolvem além das pessoas com deficiência, pessoas com transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades (superdotação), têm-se percebido um número cada vez maior de alunos na rede regular de ensino com estas características. Assim, educadores envolvidos com educação não-formal, frequentemente precisam interagir com pessoas nestas condições e acabam por encontrar um grande desafio.

O mais importante é facilitar a interação do visitante com o zoológico ou outra instituição que visita. Mesmo conhecendo-se algumas orientações, ressalta-se que, ao lidar com uma pessoa com deficiência, é imprescindível considerar a singularidade de cada visitante. Não existem receitas prontas para este tipo de atendimento, existem alternativas que, comumente, permitem um bom aproveitamento. Manifestação de piedade ou superproteção tendem a irritá-los e não tem o cunho educativo que procura-se desenvolver na Educação Ambiental. Portanto, é muito importante favorecer a autonomia sempre que possível.

Outro aspecto é perguntar se o deficiente realmente precisa de sua ajuda. Na ânsia de prestar auxílio, muitas vezes, as pessoas pressupõem determinadas condições e necessidades. Muitas pessoas com deficiência são independentes, conseguindo realizar suas atividades sozinhas. Apresentar-se ao chegar e despedir-se ao sair, embora pareçam práticas óbvias, são fundamentais para que o deficiente sintam-se integrado ao ambiente onde está, especialmente para deficientes visuais. Frequentemente, ao preocupar-nos com todas as necessidades que estes grupos apresentam, pode-se esquecer de ações básicas como a apresentação e a despedida. Comunique-se diretamente com o deficiente e não ao seu acompanhante, ao menos que seja solicitado.

Vale ressaltar que, embora em menor proporção, a Educação Inclusiva envolve os transtornos globais do desenvolvimento e as altas habilidades. Os transtornos consideram, de uma maneira geral, os diferentes graus de autismo, que podem envolver desde uma interação próxima da normalidade até casos onde qualquer alteração da rotina pode provocar pânico. Os autistas tendem a envolver apenas com assuntos que realmente lhe interessem e a participação de dinâmicas que envolvam o grupo todo pode não ser bem recebida por ele. O uso de frases curtas facilita a compreensão destes visitantes e é importante também evitar o toque.

Já em relação às pessoas com altas habilidades, lembra-se que esta pessoa tem uma ou algumas habilidades mais desenvolvidas, não todas. Educadores normalmente temem atender aos superdotados, por julgarem que eles sabem tudo, o que não é verdade. O que se observa é que eles não valorizam este *status* e que, socialmente, dividem as informações que conhecem. O isolamento que possam viver, frequentemente, não é opção dele, e sim das pessoas a sua volta. Cabe ao educador não ficar preso apenas às informações mais genéricas sobre os animais ou os locais. O que fará a diferença são os conhecimentos da rotina, as curiosidades das espécies e a valorização da vivência.

Quem também necessita de maiores atenções são os visitantes com mobilidade reduzida, como gestantes, obesos e idosos. Mobilidade reduzida é a dificuldade do movimento, permanente ou temporária, gerando redução efetiva da mobilidade, flexibilidade, coordenação motora e percepção, não se enquadrando no conceito da pessoa com deficiência. A pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida sempre deve ser consultada sobre a melhor maneira de serem atendidos, evitando, com isso, constrangimentos desnecessários.

Catia Melo

Bióloga, Especialista em Libras, Especialista em Educação Especial e Inclusiva, Aprimoramento Profissional em Educação Ambiental no Zoológico de São Paulo.